

TIÇÃO, JORNEGRO E SINBA: ARTICULAÇÃO NEGRA EM FOLHA

*TIÇÃO, JORNEGRO AND SINBA: THE
BLACK ARTICULATION IN A LEAF*

Davi dos Santos

Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: davi191631@gmail.com

Resumo: O presente texto busca apresentar como entidades negras da década 1970 se desenvolveram no Brasil e como estas utilizaram a imprensa escrita como forma de interação e debate com a população negra. Desta forma, o texto realiza uma apresentação dos periódicos que foram construídos em três capitais brasileiras: o Tição em Porto Alegre (RS), o Jornegro em São Paulo (SP) e o SINBA no Rio de Janeiro (RJ) e como os mesmos buscaram apresentar e debater temas importantes para a população negra. Este texto faz parte de minha dissertação de mestrado, defendida em 2021, onde os periódicos foram melhor debatidos.

Palavras-chave: Imprensa Negra. Movimento Negro Contemporâneo. Organizações Negras.

Abstract: The present text seeks to present how black entities in the 1970s developed in Brazil and how they used the written press as a form of interaction and debate with the black population. In this way, the text presents the periodicals that were built in three Brazilian capitals: Tição in Porto Alegre (RS), Jornegro in São Paulo (SP) and SINBA in Rio de Janeiro (RJ) and how they sought present and debate important issues for the black population. This text is part of my master's thesis, defended in 2021, where journals were better debated.

Keywords: Black Press. Contemporary Black Movement. Black Organizations.

Introdução

Olhar para o passado é uma compreensão ancestral das populações negras diaspóricas ou africanas. Desta maneira, o conhecimento sobre as ações dos diversos grupos que surgiram na luta contra o racismo e a discriminação racial é um traço fundamental para entender as dificuldades existentes nos diversos processos de luta social e política. O movimento negro brasileiro apresentou projetos importantes para a emancipação negra em sua história, tal qual a atenção dada às condições das trabalhadoras¹ domésticas, em que o trabalho tinha vinculações próximas com a

¹ Falo de trabalhadoras domésticas por uma interpretação social que aponta os trabalhos do lar, mesmo do lar que não é seu, como um trabalho feminino.

condição escravista, revela a atenção depositada desde os anos 1930 para com estas mulheres negras². Outro exemplo de reivindicação antiga do movimento negro é pelo acesso à universidade e a possibilidade de ascensão social que o nível superior, anteriormente destinado às classes médias brancas, pode possibilitar.

Estes breves exemplos apresentam um pouco do trabalho que estes grupos vêm desenvolvendo nos últimos 100 anos no Brasil. Desta forma, a compreensão sobre os debates estabelecidos, o contexto político das ações e os resultados alcançados são estudados por novos pesquisadores, que buscam não apenas evidenciar os fatos, mas, também, buscam concepções sobre si mesmos.

Periódicos Negros e sua formação

Os estudos sobre o Movimento Social Negro no Brasil, especialmente a pré- etapa da terceira fase do Movimento³, que segundo Domingues se desenvolve entre 1978-2001, ainda buscam entender como se consolidaram certas alianças identitárias no processo de aproximação das comunidades negras formadoras do Movimento Negro Unificado (MNU), e como as disputas ideológicas foram deixadas de lado para a consolidação de um movimento unificado, mesmo que este apresentasse uma indeterminação de ação ou, mesmo, ideologia, mas que apresentava uma busca de caráter comum.

Cabe pensarmos quais os objetivos que fizeram com que diversos grupos e entidades negras disponibilizassem tempo, energia, dinheiro etc. para a criação e divulgação de materiais que fossem debater com a população afro-brasileira sobre temas diretamente imbricados com esta população, tais como: racismo, história do povo negro no Brasil etc., mas que também trouxessem questões de reflexão e compreensão que muitos brasileiros não acessavam a mídia nacional na época, ao

² DOMINGUES, Petrônio. Entre Dandaras e Luizas Mahins: Mulheres Negras e o anti-racismo no Brasil. *In*: PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da (org.). *O Movimento Negro Brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil*. Minas Gerais: Nandyala, 2009. p. 17-48.

³ DOMINGUES, 2009, p. 18.

menos de forma tão crítica e consistente, como: libertação e independência dos Estados africanos, história dos clubes negros locais, mulheres negras e o feminismo etc.

Toda esta produção requer mais do que vontade e entusiasmo para ser orquestrada e realizada. O que podemos encontrar como fator de aproximação dos indivíduos construtores de jornais negros? Numa perspectiva mais ampla, vemos a indignação sobre a organização social e o racismo, mas quando observamos mais atentamente, vemos que estas aproximações são também entrelaçadas com condições sociais dos diversos líderes negros. Mesmo em diferentes regiões estas condições sociais são importantes para vermos aproximações entre os militantes, que começam a frequentar espaços comuns da militância, a discutir leituras comuns e acessar informações mais qualificadas. Com isso, podemos notar que mesmo em regiões distintas, diversas instituições negras buscaram aproximações não apenas em ideias, mas também em atuações. Importante destacar que os periódicos escolhidos são nossa forma de contato com 3 cidades (Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro) e entidades negras diferentes. Cada material possui sua peculiaridade e, em comparação, poucos temas se aproximam em percepções e encaminhamentos, excetuando seus objetivos centrais de contato com a população negra e a luta negra antirracista.

Os periódicos escolhidos apresentam suas posições, particularidades e identificações em cada página dos seus materiais. Estes foram escolhidos por mim para este texto por diversos objetivos, mas principalmente pela importância que estes documentos tiveram na construção da ideia de raça e racismo em suas comunidades, e também no impacto que até hoje alcançam para o movimento negro. Tais materiais são: a revista e o jornal *Tiçã*, que foi produzido no Rio Grande do Sul; o jornal SINBA produzido no Rio de Janeiro; e, por último, o *Jornegro* produzido em São Paulo. Todos estes materiais em algum momento contaram com importantes entidades e destacadas lideranças do movimento negro nacional na construção de suas páginas e distribuições.

Cabe-nos debruçarmos nas apresentações dos periódicos e seus editoriais, assim como reforçarmos o encontro destes materiais com as perspectivas e ações de

suas entidades dirigentes. Mas antes de avançarmos a este ponto acredito que seja importante destacar que mesmo com a construção voltada para a população negra, nem sempre estes periódicos alcançaram seus objetivos de forma plena, pois é natural imaginarmos que existe um oceano de distância quando projetamos uma ideia e vemos seu resultado final, principalmente quando lidamos com imprensa. Destaco isso, pois é importante entendermos que nem sempre o público a ser atingido, a população negra, foi alcançado em seu objetivo, pois este propósito esbarrou no déficit do processo educacional brasileiro e também na condição econômica dos negros nos anos de 1970.

Cabe lembrar que em muitos casos o posicionamento e a intencionalidade do periódico e seus editores também é posta em questão pelo sujeito que é atingido pelo material. Em uma excelente dissertação de mestrado, Roberto dos Santos⁴, ao falar sobre a produção da revista e jornal *Tiçã* e do *Folhetim do Zaire*⁵, destaca como este espaço entre periódico e leitor é tortuoso e não é simples como se projeta:

Os periódicos falam de uma posição e constroem um tipo de sujeito a ser alcançado pela sua narrativa, porém esta relação não é onipotente, pois o espaço para alcançar este sujeito é mais tortuoso do que se possa imaginar. As duas partes da comunicação: 'periódico e leitor', não podem afirmar completamente o que são e quem são, o que implica que, neste processo, sujeitos que não estavam na rota do endereçamento podem ser atingidos e, ao contrário, a narrativa dos periódicos pode não significar para os sujeitos considerados o alvo do projeto.⁶

Desta forma, pensar o modo operante dos projetos é essencial para os objetivos de alcance e debate dos periódicos. Santos nos evidencia sobre como o *Tiçã* pensou esta aproximação com seu público:

⁴ SANTOS, Roberto dos. *Pedagogias da negritude e identidades negras em Porto Alegre: jeitos de ser negro no Tiçã e no Folhetim do Zaire (1978-1988)*. 2007. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2007.

⁵ *Folhetim do Zaire* foi um periódico voltado para a população negra e carnavalesca de Porto Alegre. Existiu entre as décadas de 1980 até 2000 e seu objetivo era informar sobre o carnaval, atividades nas escolas de samba, mas em diversos momentos seus debates transcorriam para outros temas de interesse da população negra e carnavalesca porto-alegrense.

⁶ SANTOS, 2007, p. 43.

A ideia de um sujeito alvo para as falas do Tição levou a equipe de redatores à revisão da forma de apresentação do periódico com o intuito de adequar os exemplares para atender às características econômicas da comunidade negra, tendo em vista que seu custo para editoração e distribuição era elevado.⁷

Refletir sobre como os jornais e revistas chegariam aos leitores pretendidos era o grande entrave para a mídia alternativa e independente do movimento negro. Assim, a periodicidade dos materiais sempre era afetada, pois os altos custos de produção e a possível imprecisão para o lançamento da próxima edição levava a uma leitura descontinuada e incerta, pois não havia mais garantia de retomar debates e questões iniciadas em outras edições. Exemplo disso, a revista Tição, que teve sua primeira edição em março de 1978 e sua segunda edição em agosto de 1979, e ainda possui a edição de seu jornal em outubro de 1980.

Estas inconsistências estavam colocadas, na revista Tição de número 2, em seu editorial:

Desde março de 78, quando saiu o primeiro número da revista, a ideia era procurar conservar a periodicidade que fosse capaz de marcar a presença da Tição entre a comunidade negra e leitores em geral, mas já o número 1 foi razão suficiente para o desnorreamento de uma próxima edição. E o que se viu foram os mesmos problemas de qualquer pequena publicação, ou seja, de distribuição, circulação e vendas diretas. Até agora isto tudo ainda não foi solucionado. Mesmo assim o número 2 consegue avançar em definições e posicionamentos com relação ao anterior. Isto fica evidente quando trata temas básicos como a questão da discriminação e a exploração racial. Coisa que pode ser conferida na matéria da página ao lado. A revista mudou na apresentação, em busca do que considera o mais perto da negritude. E a pretensão do primeiro número continua de pé. Assim como permanece o convite ao trabalho.⁸

Desta feita, podemos perceber o interesse da Tição em evidenciar suas dificuldades de publicação e comunicação com seu público, mas que ainda reforça seu objetivo inicial apresentado na edição anterior. Notadamente, Tição buscava atender uma população mais diversa do que outras revistas e jornais negros da época, pois um de seus objetivos era a discussão com a comunidade negra, mas também com a sociedade brasileira de forma geral. Nosso apontamento inicial é que Tição

⁷ SANTOS, 2007, p. 43.

⁸ TIÇÃO. Editorial. Porto Alegre: [s.n.], ano 2, n. 2, ago. 1979. p. 2.

buscava um canal de diálogo, mesmo com seu objetivo bem traçado: discutir a participação do negro na história. O editorial do seu primeiro número nos exemplifica um pouco mais sobre os objetivos da revista:

TIÇÃO pretende falar com a comunidade negra não só de Porto Alegre, através de uma linguagem simples e buscando um trabalho de conscientização racial, social e cultural. Entendemos que a chamada questão negra não se esgota em si própria. Embora ela possua a sua especificidade, também faz parte de todo um conjunto de reivindicações sociais. A revista se propõe a discutir a participação do negro neste âmbito e sua história, geralmente mal contada e distorcida, como exemplo mais típico sendo o Quilombo dos Palmares. Acharmos que é preciso retomar alguns segmentos negros que foram interrompidos desde quando o branco chegou na África até os dias de hoje quando o negro, além de estar socialmente ameaçado em sua própria sobrevivência, sofre ainda o racismo branco. TIÇÃO está disposta a levantar tais questões.⁹

Agora mais situados com os objetivos da revista *Tiçã* temos maiores condições de compreendermos como esta se formou. A importância de situarmos *Tiçã* em seu objetivo nos auxilia a compreender como suas matérias, entrevistas e divulgação cultural foram pensadas. O conteúdo da *Tiçã* buscava a interação com seu público através da educação. A luta antirracista para o periódico estava evidenciada na ideia de realocação do negro e ressignificação de sua história. Mesmo não sendo nosso objetivo no momento, cabe destacar como *Tiçã* ressaltou a história e a cultura afro-brasileira em seus exemplares. Característica essa presente no Grupo Palmares, que valoriza a história e a cultura negra¹⁰, “geralmente mal contada e distorcida”, como indicou o editorial de seu primeiro exemplar.

O objetivo da *Tiçã* era realocar a identidade negra, assim, colocando-a de forma central em suas análises e abordagens realizando, dessa forma, uma valorização de suas características, tanto físicas, quanto culturais. Retornando a Santos, ele nos lembra como até mesmo o título *Tiçã* busca ressignificação de um termo depreciativo: “o primeiro aspecto a destacar na análise do periódico *Tiçã* é seu

⁹ TIÇÃO. Editorial. Porto Alegre: [s.n.], ano 1, n. 1, mar. 1978. p. 3.

¹⁰ CAMPOS, Deivison M. Cezar de. A ressignificação de Palmares: uma história de resistência. In: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos; CARNEIRO, Luiz C. Cunha (org.). *RS negro: cartografias sobre a produção do conhecimento*. Porto Alegre: ediPUCRS, 2009. p. 231-245.

título. O nome Tição remete a uma forma depreciativa e discriminatória frequentemente utilizada pelos brancos para dominar os negros”¹¹. Assim, observamos como Tição, bem como o Grupo Palmares, buscava um deslocamento do entendimento e compreensão da identidade e do ser negro.

Podemos observar que as ações do Grupo Palmares eram muito próximas às dispostas pela revista e pelo jornal Tição, e mesmo sendo grupos distintos, alguns integrantes do Tição faziam parte do Grupo Palmares. Suas atividades sempre possuíam um caráter formativo, como evidenciamos acima, diversas entidades negras que surgiram nos anos 1970 eram caracterizadas como entidades de estudos e pesquisa negra, não apenas pela aproximação que estes grupos possuíam com a universidade, mas também o fato de ser um método para se distanciar da repressão militar. Desta forma, o grupo conseguiu apoio da imprensa tradicional para divulgar suas atividades e eventos, como destaca Campos:

O grupo conseguiu apoio da imprensa desde sua primeira atividade prática no jornal Correio do Povo. Primeiro foi publicado uma nota no Correio do Povo (21/08/1971) sobre o ato cívico a Luiz Gama, realizado pelo grupo na Sociedade Floresta Aurora. Parte da pesquisa realizada pelo grupo foi publicada no Correio do Povo (22/08/1971) e na Folha da Tarde (23/08/1971). As publicações constituíam-se em notas, chamando para os eventos, matérias sobre a atividade, fruto do material enviado pelo grupo, e divulgação de partes das pesquisas realizadas pelo grupo sobre o homenageado.¹²

Como visto, a imprensa se torna não apenas um campo de divulgação dos seus eventos, como também é percebida como campo de luta para o Grupo Palmares. “A utilização da imprensa visava, neste primeiro momento, comprovar a existência e fortalecer a presença de personagens históricos negros frente à sociedade, pois, segundo o discurso do grupo, a história oficial buscava omiti-los.”¹³ Com o passar dos anos a proposta do Palmares foi perdendo espaço na imprensa tradicional, e gradativamente evoluía a proposta de criação de um material de divulgação e

¹¹ SANTOS, 2007, p. 45.

¹² CAMPOS, Deivison M. Cezar de. *O Grupo Palmares (1971-1978): um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico*. 2006. 196 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 56.

¹³ CAMPOS, 2006, p. 58.

comunicação próprio de Palmares.

A proposta do grupo, outrora vista como inédita, pela grande imprensa, vai perdendo espaços, na proporção inversa da repercussão social e dimensão territorial. A demanda por divulgação das ideias leva o grupo a pensar num periódico. Diversos esboços chegaram a ser elaborados, sem que nenhum tenha sido executado. A proposta de um jornal evolui de maneira independente ao Palmares, originando algum tempo depois o grupo *Tição*, que publicou a primeira edição em março de 1978. O novo grupo contava em sua maioria com integrantes do Palmares, que se dividiam entre as atividades.¹⁴

Desta forma, *Tição* foi construído com um objetivo inicial de ser uma comunicação direta com a população negra e com a sociedade brasileira. Seu expediente contava com um grupo de integrantes que vieram a se desenvolver como importantes lideranças negras não apenas em Porto Alegre, como nacionais. A redação contava com: Edilson Nabarro, Emílio Chagas, Jeanice Viola, Jorge Freitas, Nazaré Almeida, Oliveira Silveira, Walter Carneiro e Vera Dayse Barcellos, que também assinava como jornalista responsável. Diversos nomes deste grupo se destacaram em suas atuações no Movimento Negro Unificado, formado no primeiro ano da edição da revista *Tição*. Não nos cabe aqui neste espaço debater as atuações destes personagens, nem da entidade Palmares. Mesmo assim, é interessante como a construção do Palmares ainda influenciava a *Tição*, ao adotar perspectivas parecidas de ação.

Diferentemente da forma de ação utilizada na revista e no jornal *Tição*, outros dois importantes periódicos negros se destacam por uma maior radicalização na luta negra. Tanto o SINBA, quanto *Jornegro*, apresentam seu editorial de forma mais incisiva e com menos abertura para uma participação da sociedade não-negra. Desta forma, buscam se atentar mais aos problemas diários da população negra, diaspórica ou não, e se inteirar dos problemas vivenciados no continente africano tendo como objetivo desmistificar ideias estereotipadas sobre africanos, como também ampliar os aspectos de lutas raciais no mundo.

Exemplo deste movimento é o editorial do jornal SINBA, onde apresenta um

¹⁴ CAMPOS, 2006, p. 64.

olhar para o mundo africano contemporâneo, não apenas para buscar referenciais dos mais variados tipos, como também fortalecer uma ligação atualizada entre o continente e a diáspora.

O JORNAL SINBA será também um veículo de divulgação dos movimentos que lutam contra o racismo e o colonialismo, com especial atenção ao noticiário sobre a realidade dos povos africanos que lutam na Rodésia, Namíbia e África do Sul.¹⁵

Em uma rápida leitura percebemos os interesses diferentes daqueles que caracterizaram o Jornal Tição. SINBA se coloca com um objetivo mais amplo quando lemos seu editorial. O SINBA busca uma interação atual com o continente africano e com seus processos de libertação. Esta vinculação do periódico muito se traduz nos objetivos da entidade Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (SINBA), fundada em 25 de setembro de 1974, no Rio de Janeiro.

Assim como explicitamos anteriormente, nosso objetivo não é analisar as entidades que compuseram os jornais e periódicos, mas, sim, os conteúdos e matérias de forma direta. Porém, situamos ideologicamente e politicamente os criadores do SINBA e do Jornegro. Joselina Silva¹⁶ pontua que a ala de esquerda do movimento negro carioca buscou a África como ponto de reflexão e atenção para pensar suas demandas sociais. O jornal, como um espaço que pudesse fomentar o debate com a comunidade preta brasileira, foi usado de forma intensa para se pensar o continente africano, as condições e desafios do movimento negro, e outras ponderações de ordem -tanto organizacionais quanto políticas no entendimento do racismo.

Os negros brasileiros, que se posicionavam mais à esquerda, iam buscar na África – em luta anti-colonial – a sua fonte de inspiração. Era necessário, no entanto, formar a opinião pública brasileira para entender e assim poder analisar e se aliar às lutas dos africanos, cuja busca por direitos e cidadania assemelhava-se às demandas dos ativistas negros brasileiros.¹⁷

Mesmo sendo um pouco generalista, ao pontuar que os negros brasileiros

¹⁵ SINBA. Editorial. Rio de Janeiro: Sociedade de Intercâmbio Brasil-África, ano 1, n. 1, jul. 1977. p. 7.

¹⁶ SILVA, Joselina da. Jornal SINBA: a África na construção identitária brasileira dos anos setenta. In: PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da (org.). *O movimento negro brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil*. Belo Horizonte: Nandyala, 2009. p. 184-205.

¹⁷ SILVA, 2009, p. 193.

identificados politicamente pela esquerda buscassem o continente como espaço de inspiração nas suas lutas e demandas, percebemos que suas afirmativas não estão equivocadas. De fato, existe uma procura ao continente africano em quase todos os projetos de protesto negro brasileiro setentista. Essa busca reflete a entrada do Brasil como campo de luta diaspórico, diferente do momento em que era afirmado para o mundo que o Brasil vivia em uma “democracia racial”, gerando assim certo afastamento de lutas históricas da população negra mundial. Mesmo esta percepção não sendo completamente verdadeira, pois podemos citar muitos exemplos de ligação afro-brasileira com o restante do mundo negro, é inegável que o movimento setentista aproximou o Brasil das agendas mundiais de luta antirracista.

O SINBA não apenas esteve empenhado em contar a história das lutas africanas, como também trouxe grandes experiências de formação do continente. Era recorrente a leitura e símbolos da luta africana, podemos perceber como esta constante foi evidenciada em diversos exemplares do jornal, que possui uma duração interessante, entre julho de 1977 e setembro de 1980, mesmo com apenas 05 edições. Estas edições tiveram grandes imprecisões temporais, devido a problemas diversos, mas também muito comuns para as empreitadas de jornais alternativos negros. Mesmo com este movimento tão disperso podemos pensar no SINBA como um espaço de leitura e debate sobre intelectuais e líderes políticos africanos em suas páginas, como aponta Silva:

O Jornal SINBA tinha como característica um cunho de crítica social ao transcrever textos e falas de intelectuais e pensadores africanos. É desta ordem que se pode creditar, àquele periódico, a popularização, no seio do Movimento Social Negro, de conceitos e teorias de cientistas do porte de Frantz Fanon ou de ideólogos como Agostinho Neto. Quebrava-se a distância conceitual e geográfica, aproximando ideias e teorias do/sobre o Continente Africano com aquelas produzidas no Brasil. As reportagens dispostas em pequenas e breves colunas, escritas em linguagem coloquial, permitiam uma leitura fácil e ágil.¹⁸

As afirmativas de Joselina, é possível vemos suas palavras afiançarem o impacto que foi esta aproximação do Brasil e África com a Sociedade de Intercâmbio

¹⁸ SILVA, 2009, p. 195.

Brasil-África. Nos parece realmente que o continente africano começa a ser melhor explorado dentro do movimento social negro brasileiro nesta fase, e o SINBA possui um verdadeiro impacto nesta ação, pois auxilia na divulgação de nomes importantes para a formação intelectual do movimento negro brasileiro.

Neste ponto acredito que devemos fazer uma ponderação interessante para pensarmos não apenas os jornais citados acima, ou mesmo o *Jornegro*, o qual já iremos nos debruçar, mas para todos os jornais negros. Estes jornais, historicamente, pouco se aproximavam do espaço destinado à mídia tradicional, pois entendiam que para a luta preta avançar era necessário quebrar com alguns estigmas e estereótipos que foram construídos pela mídia tradicional em todo o país, e isto não apenas nos anos 1970, pois era uma percepção recorrente de outros periódicos negros de anos e gerações anteriores. O que me traz dúvidas é: como estes intelectuais negros que propunham estes periódicos buscavam trazer à tona um debate com a população negra, com temas tão complexos? Era um entendimento de que o movimento negro era um movimento de vanguarda, deslocado em seu tempo? Pois se o desejo, como aponta o editorial de *Tição* e do *Jornegro*, era debater com a massa da população negra, seus posicionamentos não estavam deslocados da população negra que vivia nas favelas e cortiços pelo Brasil?

Retornando ao que foi exposto acima, Joel Rufino dos Santos¹⁹ aponta que o Movimento Negro é formado, em sua grande parte, por um grupo de jovens e militantes que provinham de universidades de todos os âmbitos. Ou seja, em sua gênese, havia um deslocamento do restante das populações pretas brasileiras, que viviam em uma estrutura mais precária de organização familiar, social, econômica e intelectual.

Neste momento, podemos também pontuar algo extremamente subjetivo que é a infiltração dos jornais como meio de comunicação para a população negra brasileira. O índice de analfabetos da população brasileira durante a ditadura era consideravelmente alto, e este índice aumentava quando observamos a população

¹⁹ SANTOS, 1985 *apud* PEREIRA, Amílcar Araújo. “O Mundo Negro”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). 2010. 268 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

negra. Ou seja, o jornal não era a forma de comunicação dos grupos negros da época. Podemos também acrescentar a forte presença da oralidade dentro dos grupos e famílias negras, como forma educativa e informativa. Assim, me cabe outra questão para pensar estes jornais: estes não observaram seus antecessores? Não foram analisadas as dificuldades que foram encontradas em jornais históricos da população negra, como O Exemplo, O Menelick, Árvore das Palavras etc.?

Todas estas inquietações apontadas acima são importantes para o desenvolvimento do texto, pois me fizeram refletir sobre a real importância que estes periódicos trabalhados realmente tiveram no seio da comunidade negra, como se propunham, além do fato de trazerem a marca grande de uma organização universitária do movimento negro. Pois, para encerrar este momento sobre o Jornal SINBA, nos cabe olhar a nominata que assinava o jornal em suas edições. Nomes históricos do movimento negro contemporâneo fizeram parte deste periódico, assim como nos outros jornais analisados, e isto nos leva a refletir sobre as condições de acesso que assistia ao jornal. Amauri Mendes Pereira e Yedo Ferreira assinam em todas as edições como redatores, e outros nomes destacados do movimento negro surgem em momentos diferentes do jornal, como Suzete Paiva dos Santos. Novamente destaco que as organizações negras não são o foco deste texto, mas expor os nomes dos proponentes e idealizadores do periódico, além de reforçar os ideais editoriais, nos auxilia a entender como o movimento social se organizou em diferentes espaços do Brasil.

O Jornegro apresenta uma característica diferente dos periódicos apresentados anteriormente. As consequências de diversas ações do movimento social negro paulistano levaram o Jornegro a ser uma forma de expressão do Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN). Como destaca Ubirajara Nascimento da Motta, “o embrião do jornal alternativo “Jornegro” surgiu no início da II Quinzena do Negro”²⁰, onde foram discutidos diversos temas pertinentes a situação do negro no Brasil, e se

²⁰ MOTTA, Ubirajara Nascimento da. *Jornegro: um projeto de comunicação afro-brasileira*. 1986. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, 1986. p. 115.

levanta o questionamento sobre a falta de um jornal para a comunidade negra. “A ideia já havia sido ventilada por volta de 1975/6 nos encontros interestaduais SP/RIO, tendo esfriado a ideia de montar um jornal alternativo devido a algumas divergências de opiniões entre os possíveis participantes.”²¹

Desta forma, notamos que além da existência de uma ligação entre indivíduos e entidades participantes dos movimentos negros efervescentes do início dos anos 1970, algumas de suas percepções e ideias de metodologia eram compartilhadas com amigos e colegas militantes de outras regiões. Assim, podemos afastar qualquer ideia de isolamento social entre os grupos e movimentos que realizavam este protesto negro setentista. Como visto, podemos assim, identificar muitas proximidades entre as entidades negras que compuseram em algum momento o movimento negro brasileiro e que mais tarde irá compor o MNU.

Retornando ao Jornegro, logo percebemos que ele é fruto de uma tentativa organizada de existência de um espaço direto de comunicação com a população negra paulistana. Sua formação advém de uma prévia de debates que buscavam afinar posicionamentos e condições para se desenvolver e manter este material. Sem dúvida esta forma de organização explica o caráter mais profissional do Jornegro, frente ao SINBA e ao Tição.

A reunião aconteceu com bom comparecimento, inclusive de profissionais envolvidos com o trabalho nos meios de comunicação. Foram verificadas todas as possibilidades existentes para a realização da empreitada e a proposta considerada mais viável foi a de organizar um jornal em formato tabloide. Estavam representadas oficialmente como entidades negras: Escola de Samba Camisa Verde e Branco, Escola de Samba Nenê da Vila Matilde, CECAN, Company Soul, CECAB – Centro de Cultura Afro-Brasileira, Grupo Evolução de Campinas, Congada de São Carlos, Coimbra, e membros sem força de representação do Aristocrata Clube, Grupo Brasil Jovem e G.T.P.L.U.N.²²

A participação mais abrangente de membros e entidades das mais diversas áreas do movimento negro paulistano apresenta um caráter mais plural para a construção do jornal. Entretanto, esta multiplicidade não foi de grande benesse para

²¹ MOTTA, 1986, p. 115.

²² MOTTA, 1986, p. 116.

a construção do periódico, que se viu estático com os impasses que cada reunião apresentava. O local escolhido para as reuniões do grupo que organizaria o periódico foi a sede do CECAN. Em local central da cidade, seu espaço pareceu de grande auxílio para pensar como seria o trabalho do Jornegro, mesmo assim, diversos problemas de responsabilidade sempre travavam o processo de materialização do jornal.

Esta responsabilidade não foi assumida por nenhuma das entidades, criando um impasse que pareceu ser solucionável com a ideia de criação de uma entidade aglutinadora de todas as outras, por elas formada, e dirigida por elementos extraídos das fileiras de cada uma delas. Nascia, portanto, em 09 de junho de 1977, a ideia de formar-se a FEABESP – Federação das Entidades Negras do Estado de São Paulo, que seria a responsável jurídica pela criação e edição de um jornal alternativo afro-brasileiro.²³

Com a criação da FEABESP outros problemas também foram identificados, como uma busca incessante por apoiadores e participantes ativos em sua linha de trabalho, assim como o descaso, ou desinteresse que tanto a criação da Federação quanto do jornal gerou. Problemas jurídicos e financeiros permearam constantemente a formação do jornal, e com seu caráter participativo, impasses como atuar dentro da clandestinidade ou se organizar burocraticamente para evitar problemas com a ditadura e a censura, eram constantemente e cansativamente retomados.

Diversos pontos positivos podem ser levantados quando analisamos a criação de uma federação responsável por aglutinar entidades para a consolidação de um espaço de formação. O corpo inicial do jornal foi formado apenas por equipes técnicas, pessoas com formação superior em jornalismo, que estavam concluindo esta etapa, ou mesmo profissionais da área. Estes profissionais estavam sempre imbuídos de encontrar seus temas para desenvolvimento da matéria e seu avanço era debatido integralmente com a Federação, para que todos pudessem opinar, apresentar críticas e sugestões ou mesmo para que a matéria fosse recusada para o número. Este processo era lento e desgastante, o que denota uma falta de organização da Federação para motivar sua equipe técnica e participantes das entidades.

²³ MOTTA, 1986, p. 117-118.

Estas últimas, em diversos momentos se afastaram sem aviso prévio, ou mesmo problematizavam algumas ações de ordem organizacional da Federação, sem uma contraproposta ativa. Um importante entrave foi o nome que seria escolhido para o periódico. Uma votação foi realizada e, para desgosto de muitos, o nome *Jornegro* foi escolhido. Além dos atrasos esperados devido a dificuldade de angariar verbas, também havia problemas para registrar a Federação e a gráfica escolhida. Toda esta exposição sobre a formação da FEABESP é importante para colocarmos o complexo processo organizacional do *Jornegro*, que em primeiro momento nos parece muito avançado, logo se percebe a problemática que vai transcorrer o jornal em seu período de existência. A FEABESP, com o transcorrer do tempo, começa a ser apenas uma entidade que carrega o nome para a criação do *Jornegro*, pois quando percebemos em sua prática, as entidades que compunham a Federação se afastaram de diversas formas, e quem seguiu com o *Jornegro* foi o CECAN.

Na distribuição do *Jornegro* reside um dos pontos mais delicados da existência deste jornal alternativo. Inicialmente as entidades tinham direito a uma cota de jornais pela contribuição que faziam para a federação, cota esta que poderia ser paga além de ser recolhida a contribuição no caso da entidade ter disponibilidade financeira para tanto. Neste ponto acontece a falta de cumprimento de responsabilidades por parte das entidades negras componentes da FEABESP, e a queda de vendas do jornal com a passagem da euforia do lançamento e o distanciamento de muitas pessoas antes interessadas na sua divulgação e vendas.²⁴

Mesmo com todas estas problemáticas levantadas, o *Jornegro* desenvolve seu editorial do primeiro volume revelando seus objetivos de apresentar uma forma não estereotipada do negro, como era visto nos jornais e mídias tradicionais. Desta forma, o *Jornegro* se mostra combativo frente à imagem criada e desenvolvida do negro, no Brasil e no mundo.

Este é um jornal da comunidade; é nosso portanto. Suas páginas estão abertas para críticas, sugestões, participações nos debates propostos, enfim, para qualquer tipo de colaboração. Este jornal nasceu da necessidade de termos um órgão que divulgue nossos assuntos e onde possamos debater nossos problemas a partir do nosso ponto de vista e do interesse da comunidade afro-brasileira. Não mais podemos ficar à mercê da indústria da cultura, que nos transformou em objeto, folclorizou nossa cultura, fazendo-a

²⁴ MOTTA, 1986, p. 130.

um simples produto de consumo. Nossa imagem é apresentada ao bel-prazer de interesses alheios: a exploração do negro-moda, a negra-sexy, a boa sambista, mulatas do Sargentelli e tudo mais. Ou é a apresentação de meias verdades, fatos distorcidos incompletos, formando sempre uma imagem negativa do negro. Se aparece um anúncio de uma escola ou clube recreativo, apresentam-se figuras de crianças gordinhas brancas, rosadinhas. Se o anúncio é um apelo à caridade pública, ou advertência quanto aos trombadinhas, então a figura é de uma criança negra. Assim foi sempre a exploração dos rótulos como o do bom músico, do negro valente e leal, isto é, o bom capanga, a boa criada, a boa cozinheira, o bom amante. Isto tudo por meios de livros, revistas, rádio, televisão, teatro, cinema, prosa, verso, ficção e pseudociência, enfim, por todos os meios de comunicação. Assim age a imprensa em relação ao negro aqui e em todo o mundo. Idi Amim, resumiu a queixa dos africanos em relação às agências noticiosas ocidentais, apresentando na reunião da Organização para a Unidade Africana (OUA) uma proposta a criação de uma agência panafricana de notícias. Ressalta Amim que 'os meios de informação do Ocidente exploram as fraquezas, escondendo fatores positivos e causam conflitos entre as nações Africanas'. Ocorre que essa notícia nos chegou exatamente por essas mesmas agências das quais os africanos se queixam. E a forma como ela apareceu na maioria dos jornais a imprensa comercial, a partir dos títulos até os comentários, já justifica o acerto daquela proposta. Outro fato digno de nota foi a forma como foram noticiados os saques ocorridos em Nova York, quanto, por um defeito no sistema de distribuição de energia elétrica a cidade ficou completamente às escuras por 48 horas. Nos jornais só se viam fotos de negros saqueando. Será que só negros saquearam? É o que sugerem as notícias e as fotos. Mas se somente negros saquearam, o fato demonstra a situação terrível em que se encontra o negro nos Estados Unidos, o que nos leva a desconfiar das intenções desse país quando se propôs a resolver o problema dos negros do Zimbábue, da Namíbia e África do Sul. Os jornais, porém, silenciaram sobre esse aspecto da questão. Apenas se limitaram a marcar negativamente o negro. Se houve ou não essa intenção não importa, o que contam são os efeitos, tremendamente prejudiciais. Eis porque, a partir de hoje, existe este jornal, não o único, pois já há outros, e mais deverão haver.²⁵

Este editorial de apresentação é longo, para os padrões dos periódicos que estamos trabalhando, mas necessário para a compreensão dos objetivos do jornal. Seu objetivo era ser um espaço para a comunidade negra se enxergar, não de forma estereotipada ou incompleta, mas encontrando um espaço para se compreender e atuar na sociedade racista. Mesmo o Jornegro buscando um lugar na sociedade preta paulistana, seus debates apontavam uma gama de interesses pela cultura preta nacional e internacional. Este editorial é rico para indicar como há um esforço do Jornal em contestar as visões sobre a população negra marcadamente racistas e

²⁵ JORNEGRO. Editorial. São Paulo: FEABESP, ano 1, n. 1, 1978. p. 2.

propor outras no lugar, geradas a partir de uma autodefinição²⁶.

Com matérias amplas e bem redigidas, o Jornegro propõe uma leitura densa e extensa, o que nos leva a questionar se esta profissionalização do periódico não foi prejudicial para sua ampliação e manutenção no meio da comunidade.

Nos lançamentos seguintes vemos que as dificuldades para manter o Jornegro eram imensas e que já estavam afetando os objetivos e a moral da equipe técnica jornalística. Como encontramos em uma parte do editorial da sua terceira edição,

Mais uma série de dificuldades foram vencidas e, pela terceira vez, estamos na rua. As coisas não têm sido fáceis! Além das naturais dificuldades de uma equipe reduzida e em fase de entrosamentos, a questão financeira tem sido um pesadelo. A distribuição ainda é falha provocando um encalhe perigoso, pois dependemos da venda de um número para fazer o próximo. Mas sinais positivos estão surgindo. Neste número contamos com o apoio financeiro de alguns irmãos que colaboraram através de anúncios. Porém, a grande batalha é a da distribuição: é preciso que Jornegro chegue ao maior número possível de nossa gente porque jornal e cultura e cultura é poder. É preciso que cada leitor passe adiante pelo menos um outro exemplar a um amigo ou parente principalmente onde a existência de um jornal para tratar de nossos interesses ainda não é conhecida.²⁷

Este trecho do editorial demonstra que as dificuldades vividas para dispor o Jornegro às ruas estavam se acentuando, e que este processo era frequente para sua produção devido seus constantes problemas financeiros. O que expõe, ainda no mesmo ano de produção, as falhas de organização da FEABESP, que não conseguia garantir a mobilização necessária com a distribuição e retorno com as entidades parceiras.

Tais problemáticas serão constantes em todo seu tempo de existência. E com o florescer do MNU, o apoio que tanto Jornegro quanto o CECAN recebiam estavam cada vez mais escassos, pois o MNU engloba entidades negras e suas formas de organização para transformar em algo novo. No decorrer dos anos e com o acúmulo de diferenças políticas, diversos militantes marcham para integrar as fileiras do MNU, e suas entidades, muitas vezes caras e com pouco recurso ou integrantes, fecham

²⁶ MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, ano 23, n. 1, p. 171-209, 2001.

²⁷ JORNEGRO. Editorial. São Paulo: FEABESP, ano 1, n. 2, maio 1978. p. 2.

suas portas para também ingressarem no grupo de caráter nacional.

Desta forma, percebemos que o MNU, em sua característica, é um aglutinador de diferenças políticas e metodológicas. Suas ações apresentam um destaque, pois a capacidade de debate e de entendimento de diversos caminhos para serem traçados é um dos pilares do MNU.

Destacamos assim que todos os movimentos e entidades aqui citados buscaram formas de se organizar, lutar contra o racismo e pelo amplo direito à existência da população negra em suas cidades, estados e país. Os jornais e revistas foram estratégias encontradas para difundir seus comunicados, angariar simpatizantes e parceiros, assim como, auxiliar no processo educacional dos negros brasileiros, contando uma história da participação negra diferente do que era contada no Brasil da “democracia racial”. O objetivo destes materiais era desenvolver um canal de comunicação direta com a população negra, para além de explicitar e debater suas dores, também, refletir sobre seus momentos de gozo e alegria, assim, humanizando o corpo e o pensar negro, algo que, para estes canais, não exista na mídia ocidental tradicional. Mídia esta que incitava a violência e a desumanização do corpo negro, assim como inflava sentimentos distorcidos sobre países e líderes negros de todo o mundo.

Considerações finais

Neste texto, meu objetivo foi articular uma apresentação que compreendesse o trabalho de alguns grupos negros que se formaram nos anos 1970 e tiveram notoriedade na construção do MNU. Com isso, minha busca foi em abarcar algumas ações e objetivos do Grupo Palmares, SINBA e CECAN em seus espaços de divulgação e relacionamento com o público negro que buscavam alcançar. Desta forma, foi necessário conhecer um pouco sobre a história de formação destes grupos sociais negros e apresentar como eles encontravam argumentações para os debates que propunham a sociedade.

Com isso, apresentei um pouco de como estes grupos se organizaram para criar seus espaços de comunicação, que são seus periódicos. Os periódicos se formaram em distintos formatos e com pautas que debatiam amplamente o mundo negro, mas o que pode ser destacado é que o objetivo maior de todos era a comunicação com a população negra, fosse para contar sua história, ou para apresentar o continente africano.

Os três periódicos se construíram de forma diferente, mas apresentaram problemas semelhantes, como a dificuldade de alcançar seus públicos, os leitores negros. Isto ocorria em virtude de vários fatores, entre eles, a falta de investimento para manter a estrutura e ações dos periódicos, assim como ter um núcleo de trabalho fixo e remunerado, e, também, questões relacionadas a problemas políticos internos. O que podemos afirmar, neste momento, é que os periódicos abriram uma porta de comunicação importante com a sociedade negra e o movimento negro, mas que por incapacidades diversas, esta porta não conseguiu se manter completamente aberta.

Referências

CAMPOS, Deivison M. Cezar de. A resignificação de Palmares: uma história de resistência. *In: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos; CARNEIRO, Luiz C. Cunha (org.). RS negro: cartografias sobre a produção do conhecimento.* Porto Alegre: ediPUCRS, 2009.

CAMPOS, Deivison M. Cezar de. *O Grupo Palmares (1971-1978): um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico.* 2006. 196 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

DOMINGUES, Petrônio. Entre Dandaras e Luizas Mahins: Mulheres Negras e o anti-racismo no Brasil. *In: PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da (org.). O Movimento Negro Brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil.* Minas Gerais: Nandyala, 2009. p. 17-48.

JORNEGRO. Editorial. São Paulo: FEABESP, ano 1, n. 1, 1978.

JORNEGRO. Editorial. São Paulo: FEABESP, ano 1, n. 2, maio 1978.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, ano 23, n. 1, p. 171-209, 2001.

MOTTA, Ubirajara Nascimento da. *Jornegro: um projeto de comunicação afro-brasileira*. 1986. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, 1986.

PEREIRA, Amilcar Araújo. “*O Mundo Negro*”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). 2010. 268 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

SANTOS, Roberto dos. *Pedagogias da negritude e identidades negras em Porto Alegre: jeitos de ser negro no Tição e no Folhetim do Zaire (1978-1988)*. 2007. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2007.

SILVA, Joselina da. Jornal SINBA: a África na construção identitária brasileira dos anos setenta. In: PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da (org.). *O movimento negro brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil*. Belo Horizonte: Nandyala, 2009. p. 184-205.

SINBA. Editorial. Rio de Janeiro: Sociedade de Intercâmbio Brasil-África, ano 1, n. 1, jul. 1977.

TIÇÃO. Editorial. Porto Alegre: [s.n.], ano 1, n. 1, mar. 1978.

TIÇÃO. Editorial. Porto Alegre: [s.n.], ano 2, n. 2, ago. 1979.